

Coesão verbo- imagética: uma proposta de descrição e interpretação de interações multimodais*

*Image-text cohesion: a
proposal for description and
interpretation of multimodal
interactions*

Gabriel ISOLA-LANZONI (USP/U. PORTO)
gabriel.lanzoni@usp.br

Recebido em: 01 de set. de 2022.
Aceito em: 06 de nov. de 2022.

*O autor agradece à CAPES pelo financiamento das pesquisas de mestrado (proc. 88882.377632/2019-1) e de doutorado (proc. 88887.648232/2021-00).

ISOLA-LANZONI, Gabriel. Coesão verbo-imagética: uma proposta de descrição e interpretação de interações multimodais. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. 3, e2555, p. 62-91, set.-dez./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-32555.

Resumo: Neste artigo, temos como objetivo apresentar uma proposta de sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA e verificar sua produtividade como um aparato descritivo prévio à análise da interação verbo-visual de textos de mídias digitais. A proposta alinha-se aos estudos de multimodalidade em Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), assumindo como unidade de análise o sistema de TRANSITIVIDADE (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; LAVID; ARÚS; ZAMORANO-MANSILLA, 2012; FUZER; CABRAL, 2014) e visando a fornecer subsídios para a compreensão detalhada das relações estruturais, processuais e instanciais entre elementos verbais e imagéticos com vistas à reconstrução de significado em textos de mídias digitais. A partir da análise de textos oriundos do YouTube e do Instagram, identificamos usos estratégicos de laços coesivos no que diz respeito à argumentação multimodal, ao fluxo informacional, à dinâmica das plataformas, bem como relações com metáforas multimodais.

Palavras-chave: Coesão. Multimodalidade. Mídias digitais.

Abstract: This article aims to discuss a proposal of an *IMAGE-TEXT COHESION* system and to verify its productivity as a descriptive apparatus prior to the analysis of the verbal-visual interaction of digital media texts. The proposal is aligned with multimodality studies in Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY, 1985; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). It assumes the *TRANSITIVITY* system as the unit of analysis (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; LAVID; ARÚS; ZAMORANO-MANSILLA, 2012; FUZER; CABRAL, 2014) and aims to provide subsidies for a detailed understanding of relationships between verbal and visual elements oriented to reconstructing meaning in digital media texts in terms of structure, processes and instantiations. The analysis of texts from YouTube and Instagram showed strategic uses of cohesive ties with regard to multimodal argumentation, information flow, platform dynamics, as well as relationships with multimodal metaphors.

Keywords: Cohesion. Multimodality. Digital media.

Introdução

Inscrevemos este artigo no âmbito dos estudos de multimodalidade de base sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1985; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), visando discutir uma proposta de descrição de coesão entre elementos verbais e imagéticos em textos de redes sociais. Dada a constante emergência, transformação e renovação de possibilidades técnicas de composição de textos para redes sociais, compreendemos que o objeto de estudo — textos multimodais — é marcado por uma volatilidade constitutiva, o que exige uma constante revisitação tanto de teorizações e de metodologias quanto de categorias analíticas para lidar com novos textos.

Diante desse cenário, definimos a pergunta que guiou esta investigação: de que forma as categorias e as tipologias de interação verbo-visual já existentes fornecem meios consistentes de proceder a uma análise de textos multimodais que consideram as especificidades das mídias digitais?

Concebemos que um aparato descritivo para textos multimodais tem o potencial de auxiliar na definição dos elementos verbais e imagéticos em interação, elucidando os modos pelos quais os significados são construídos. Desse modo, objetivamos, neste texto, apresentar o sistema de *COESÃO VERBO-IMAGÉTICA*, discutido inicialmente em Isola-Lanzoni (2020), e, posteriormente, explorar a sua produtividade na análise de textos multimodais por entendermos a necessidade de uma ferramenta descritivo-analítica prévia à análise da interação, de modo a compreender as especificidades das relações estruturais, processuais e instanciais estabelecidas entre as modalidades na coconstrução de significado. Tal proposta auxiliaria, complementarmente, a consolidar unidades de análise e a estabelecer direcionalidade de modificação entre as modalidades.

Para alcançar tal objetivo, estruturamos o artigo da seguinte forma: iniciamos com um debate sobre a produtividade de propostas prévias de base sistêmico-funcional para análise de interações verbo-visuais/verbo-imagéticas, de modo a identificarmos pontos de aprimoramentos; em seguida, apresentamos o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA; seguimos para análises a partir de textos das redes sociais YouTube e Instagram; e finalizamos com algumas conclusões.

Bases e motivações: propostas para análise verbo-visual

É comum encontrarmos propostas de análise de interações verbo-visuais que partem de teorias sociosemióticas de base funcionalista, como a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Isso pode decorrer do fato de ser uma teoria da semiose que, embora parta inicialmente da língua, se propõe a pensar distintas modalidades de linguagem em termos das três metafunções, tal como realizado por Kress e van Leeuwen (2006) em sua “Gramática do Design Visual”.

Embora sejam diversos os sistemas propostos para cada estrato das três metafunções, as propostas de interações verbo-visuais pautam-se, conforme aponta Bateman (2014), majoritariamente nos sistemas de TRANSITIVIDADE e de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS, que dizem respeito à construção da experiência humana em linguagem e à construção das relações entre complexos oracionais, respectivamente. Os autores das propostas assumem distintas centralidades dos dois sistemas.

Em investigação anterior, buscamos verificar a produtividade de quatro propostas para a análise de interações verbo-visuais em um *corpus* constituído por postagens em mídias digitais. As discussões foram orientadas por duas perguntas: i. que unidades mínimas de análise cada proposta assume (ou não)?; e ii. que elementos de cada modalidade (unidades informacionais) cada proposta delimita para a análise? A expectativa era verificar, em primeiro plano, as implicações teóricas e metodológicas das escolhas realizadas pelos autores e, em segundo plano, sua aplicabilidade em textos de mídias digitais¹. Discutiremos brevemente cada proposta.

¹ Para uma discussão pormenorizada de cada proposta, indicamos a leitura do primeiro capítulo de Isola-Lanzoni (2020).

Martinec e Salway (2005) propõem o sistema de RELAÇÕES VERBO-VISUAIS a partir dos sistemas de TRANSITIVIDADE e de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS. O sistema proposto é composto por dois subsistemas: de STATUS RELATIVO e de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS. De acordo com Bateman (2014), o subsistema de STATUS RELATIVO indicaria a importância relativa de cada modalidade na interação, uma vez que apontaria para relações de coordenação e subordinação entre os elementos. Essas relações decorreriam tanto da direcionalidade de modificação entre elementos das modalidades quanto da natureza do Processo (evento)² construído. O segundo subsistema consiste em um decalque do sistema de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICA proposto por Halliday (1985).

Embora Martinec e Salway (2005) elucidem aspectos relevantes a serem considerados em análises verbo-visuais — como direcionalidade de modificação entre as modalidades —, o sistema requereria um redesenho no sentido de estabelecer entradas de restrições entre os dois subsistemas: ao construir subsistemas em uma relação de simultaneidade, os autores indicam que qualquer opção de status também seria classificada por uma relação lógico-semântica, mesmo aquelas que construiriam apenas um Processo/oração³.

Unsworth (2006), por outro lado, não incorre na problemática da articulação de dois subsistemas dado que propõe um sistema único. O sistema de CONSTRUÇÃO INTERMODAL assemelha-se ao de RELAÇÕES LÓGICO-SEMÂNTICAS, mas apresenta maior detalhamento, uma vez que o autor realiza renomeações de classificações por compreender os termos comumente usados na LSF como herméticos. O que criticamos na proposta é justamente o fato de ser elaborado um sistema que prescindia de uma investigação no nível da TRANSITIVIDADE, o que leva o autor a incluir uma relação lógico-semântica tanto para uma diferenciação apenas

² A título de rememoração, o sistema de TRANSITIVIDADE está ligado à metafunção ideacional e diz respeito à construção da experiência em linguagem. Fuzer e Cabral (2014, p. 40, grifo das autoras) afirmam que esse é “um sistema de descrição de **toda a oração**, a qual se compõe de processos, participantes e eventuais circunstâncias”. A construção de eventos — também referido como construção de Processos — em linguagem envolveria componentes necessários — os processos e os participantes — e facultativos — as circunstâncias. Tais papéis são especificados à medida em que se delimita o tipo de Processo (Material, Verbal, Mental, Comportamental, Existencial ou Relacional) no sentido de constringer determinados tipos de participantes, bem como das funções sintáticas mais ou menos esperadas.

³ Lembramos que, conforme proposto por Halliday e Matthiessen (2004, p. 363, grifo dos autores), compete à função lógica da metafunção ideacional compreender “como orações são relacionadas uma a outra por meio de algumas relações lógico-semânticas para formar **complexos oracionais**”. Em termos multimodais, compreender como as modalidades são relacionadas, em termos lógico-semânticos, para formar um complexo oracional entre as modalidades, o que exige a relação entre, pelo menos, dois Processos.

composicional, como é o caso da opção de Homoespacialidade⁴, quanto para uma diferenciação de ordem de Ciclos Intermodais de Leitura⁵.

Kong (2006) difere-se dos estudiosos anteriores por propor um esquema de potenciais aspectos a serem considerados em análises de relações entre palavras e imagens. O autor volta-se a relações estruturais e lógico-semânticas das interações. No entanto, inclui categorias de ordem de *display*, de avaliação, de valor informacional e, inclusive, de metafunção em um único esquema. Vale ressaltar que Kong (2006, p. 222) afirma propor uma “‘rede’ [sistema] de relações nos termos de Halliday”. Contudo, concebemos tratar-se de um esquema de categorias potencialmente produtivas, e não de um sistema, principalmente pelo fato de uma metafunção não estar no mesmo nível de relações lógico-semânticas, por exemplo, não sendo, portanto, redes de opções paralelas.

Por fim, Royce (2007, 2016) propõe a Complementaridade Intersemiótica, que consiste em uma proposta orientada à coesão, avaliada por Bateman (2014) como uma das propostas mais produtivas em investigações de coesão multimodal. As críticas em relação à Complementaridade Intersemiótica são reduzidas, limitando-se a um aspecto que o próprio autor reconhece: Royce (2007, p. 63) introduz “um quadro teórico descritivo para a análise de textos multimodais baseados em página”, tal como um artigo de opinião em uma página de jornal. Esse reconhecimento já aponta para a dificuldade de a proposta ser produtiva em textos de redes sociais, uma vez que a composição dos textos é muito distinta.

A partir da análise das propostas anteriores, compreendemos que seja necessário dar um passo atrás, no sentido de propor um aparato descritivo dos laços coesivos que são instanciados em interações verbo-imagéticas no que se refere à superfície textual. Compreendemos que

⁴ Homoespacialidade opõe-se a Heteroespacialidade. A diferenciação entre as opções reside no grau de integração espacial das modalidades na constituição do texto. Homoespacialidade “diz respeito a casos em que as duas modalidades se integram de modo a construir uma entidade espacialmente homogênea” (ISOLA-LANZONI, 2020, p. 103). Um exemplo seria anúncios conhecidos como *all-type*. Em oposição, Heteroespacialidade “diz respeito a casos em que as modalidades interagem, mas não compõem uma única entidade homogeneamente interligada” (ISOLA-LANZONI, 2020, p. 103). Vemos, portanto, que tal classificação relaciona-se a aspectos composicionais do texto multimodal e não da relação entre eventos.

⁵ O conceito é proposto por Unsworth (2006), mas é rediscutido por Isola-Lanzoni (2020, p. 185) no sentido que estamos compreendendo: “concebemos Ciclos Intermodais de Leitura como o processo de conceptualização e reconceptualização do texto multimodal por meio de leituras e releituras (retomadas) de elementos das modalidades envolvidas na interação. Em outros termos, Ciclos Intermodais se referem à construção e à reconstrução de significado pelo foco atribuído às relações entre determinados elementos de cada uma das modalidades”.

essa análise permite um maior detalhamento dos modos pelos quais as interações coconstroem significado. Embora não seja o foco, tal sistema pode embasar classificações em termos da interação. Passemos para a apresentação do sistema.

O SISTEMA DE COESÃO VERBO-IMAGÉTICA

Concebemos que uma análise da coesão verbo-imagética consiste na investigação dos modos pelos quais os elementos verbais e imagéticos se articulam e se interconectam na superfície textual, indicando constituírem um texto, compreendido como “um enunciado que acontece como evento singular, único a cada vez, compondo, assim, uma unidade de comunicação e de sentido, sempre em contexto, e expressa por uma combinação de sistemas semióticos” (CAVALCANTE; MUNIZ-LIMA, 2022, p. 433). A coesão, assim, auxiliaria no processo de recuperação das relações de dependência entre elementos verbais e imagéticos, sinalizando caminhos para a reconstrução de um sentido potencialmente visado pelo produtor.

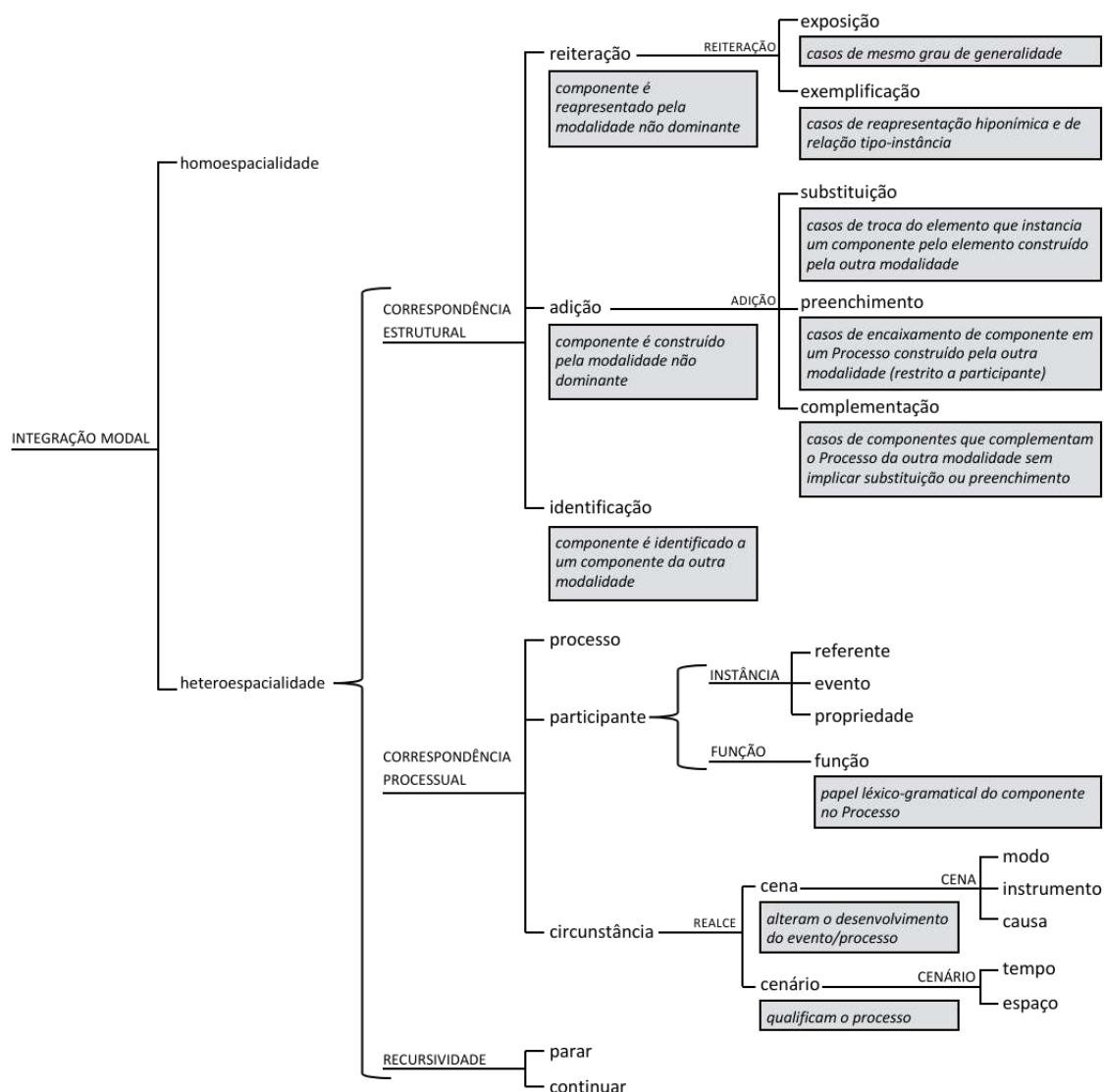
Nossa proposta de coesão verbo-imagética baseia-se, assim como as de alguns dos autores da seção anterior, no sistema de TRANSITIVIDADE (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; LAVID; ARÚS; ZAMORANO-MANSILLA, 2012; FUZER; CABRAL, 2014). Assim, o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA liga-se fortemente à metafunção ideacional: volta-se aos modos de construção da experiência nas duas modalidades. Essa decisão teórica impõe a necessidade de um reconhecimento: o sistema não se propõe a dar conta de qualquer tipo de interação verbo-imagética, como aquelas marcadas por uma relação tópico-comentário, por exemplo, em que uma imagem atuaria como o tópico ao se relacionar a todo um segmento verbal, que atuaria como um comentário, tal como ocorre entre uma obra de arte e o texto explicativo sobre sua criação, seu/sua autor/a e sua relevância social.

A produtividade do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA circunscreve-se às formas pelas quais os elementos verbais e imagéticos se articulam na construção de eventos — ou seja, de experiência — de forma conjunta pelas modalidades, gerando efeitos tanto textuais quanto semântico-discursivos. A título de exemplo, podemos citar as interações marcadas pela relação entre eventos — em termos de transitividade — e seus constituintes — processos, participantes e circunstâncias — construídos por ambas as modalidades.

Assim, assumimos os componentes de Processos — processo, participante e circunstância — como unidades mínimas de análise. Tais categorias compõem o subsistema de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL, o qual pode ser observado na Figura 1 a seguir. A análise da coesão é iniciada pela análise da transitividade dos elementos de cada modalidade e é nucleada no processo, ou seja, identificamos o processo; partimos, então, para os participantes; e finalizamos com as circunstâncias. Os componentes dos processos de cada modalidade são articulados, posteriormente, em termos do subsistema de CORRESPONDÊNCIA ESTRUTURAL, que compreende as opções reiteração, adição e identificação.

Apresentamos na figura a seguir o sistema:

Figura 1 — Sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA



Fonte: extraído de Isola-Lanzoni (2020, p. 104)⁶.

⁶ Figura adaptada para otimizar a visualização em paginação vertical.

O sistema⁷ também inclui o subsistema de RECURSIVIDADE. Tal inclusão decorre de assumirmos os componentes processuais como unidades mínimas de análise, o que faz com que cada opção do subsistema de CORRESPONDÊNCIA PROCESSUAL seja identificada também com uma opção do subsistema de CORRESPONDÊNCIA ESTRUTURAL. Um exemplo seria: a opção participante pode instanciar uma relação de reiteração com um participante da outra modalidade, da mesma forma que um processo pode instanciar outro tipo de relação, e assim sucessivamente até que todos os componentes dos processos envolvidos na mesma interação verbo-imagética tenham sido analisados.

Em termos metodológicos, a análise é composta de quatro etapas, que apresentamos a seguir:

Etapa 1: análise do Processo (componentes) construído(s) por cada modalidade.

Etapa 1a: identificação e análise da transitividade dos elementos de cada modalidade.

Etapa 1b: determinação da modalidade dominante. Assumimos uma dominância entre as modalidades assim como Martinec e Salway (2006), ou seja, em termos de modificação de uma em relação a outra, e não de grau de relevância na construção do significado. A determinação da relação de dominância entre as modalidades segue um fuso de critérios: i. a modalidade dominante tende a consistir naquela assumida como central pela plataforma digital ou pelo gênero discursivo; ii. a modalidade dominante tende a ser aquela que constrói um processo; iii. no caso de ambas construírem processo, a modalidade dominante tende a ser aquela cujo processo apresenta maior dinamicidade.

Etapa 2: análise da reiteração da correspondência processual (processo, participante e circunstância).

Etapa 3: análise da adição da correspondência processual.

Etapa 4: análise da identificação da correspondência processual.

Para explorar o funcionamento da análise coesiva verbo-imagética e identificar sua produtividade na geração de efeitos na construção de significado, passaremos à análise de seis exemplos que explorarão distintos aspectos da coesão verbo-imagética.

⁷ Para maior entendimento do processo de criação do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, ver segundo capítulo de Isola-Lanzoni (2020).

Análises

Começaremos as discussões com duas interações retiradas do vídeo “O NAZISMO É DE DIREITA OU DE ESQUERDA? || VOGALIZANDO A HISTÓRIA”, publicado pelo canal *Vogalizando a História* no dia 8 de julho de 2021, no YouTube. As duas interações permitem uma aproximação inicial com o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA por instanciar os três tipos de laços coesivos: reiteração, adição e identificação.

Em termos metodológicos, destacamos a forma de exposição do exemplo e da análise da TRANSITIVIDADE na página deste artigo: em Exemplo 1, constam os elementos verbal e imagético em interação; em seguida, no Quadro 1, apresentamos a análise da TRANSITIVIDADE de ambos os elementos; os *links* de acesso aos trechos exatos analisados constarão em notas de rodapé a partir da fonte do exemplo.

Exemplo 1:

“Hitler era um orador excelente e sabia falar aquilo que o povo queria ouvir”.

70



Fonte: Canal Vogalizando a História (O NAZISMO..., 2021, 2'00" – 2'04")⁸.

⁸ Trecho exato disponível em: https://youtu.be/gt_ToKUoqIs?t=119.

Quadro 1 — Análise da transitividade do Exemplo 1

Elemento verbal		
Hitler	era	um orador excelente
participante	processo	participante
Portador	Processo Relacional Atributivo	Atributo
[ele]	sabia	falar aquilo que o povo queria ouvir
participante	processo	participante
Experienciador	Processo Mental Cognitivo	(Hiper)fenômeno

Elemento imagético		
		

Fonte: elaboração própria.

A partir do Quadro 1, podemos identificar que ambas as modalidades constroem processos integralmente. A modalidade dominante na interação é a verbal pelo fato de o tipo de vídeo privilegiar essa modalidade para o desenvolvimento do fluxo informacional⁹; desse modo, as análises dos laços coesivos são realizadas do imagético em relação ao verbal.

Partindo para a análise da construção dos eventos, identificamos um componente que é construído verbalmente — {Hitler} — e que é reiterado imageticamente — <Hitler>¹⁰. Tal reiteração dá-se no nível referencial apenas, uma vez que, em termos funcionais, o verbal constrói tanto um Portador quanto um Experienciador, enquanto o imagético constrói um Dizente. Por ser identificado o mesmo grau de generalidade em termos do referente, estamos diante de um caso de **reiteração por exposição de participante-referente**.

⁹ Para a determinação da modalidade dominante, indicamos a retomada da etapa 1b, apresentada ao final da seção anterior.

¹⁰ Para diferenciação visual dos elementos verbais e imagéticos, adotamos os símbolos de chaves {} para referirmo-nos a elementos verbais e os símbolos de maior e menor <> para elementos imagéticos.

Além do participante, o elemento imagético também constrói um processo — destacado em verde — e uma circunstância espacial — em azul. Tais componentes estabelecem com os elementos verbais um laço coesivo de **adição** pelo fato de não consistirem em reapresentações de componentes verbais. Dado que no verbal são construídos Processos completos — que se sustentam *per se* —, o processo e a circunstância imagéticos são adicionados **por complementação**. Os processos estabelecem uma relação que extrapola o nível transitivo. Passemos a essa discussão.

Partindo para um nível interpretativo, podemos identificar que o Processo verbal imagético auxilia o verbal no sentido de dar suporte à atribuição da propriedade ao portador, uma vez que retrata uma situação possível em que o portador estaria sendo um “excelente orador”. Nesse ponto, precisamos dar um passo atrás e destacar a papel da reiteração do participante: a reiteração do referente sinaliza para o leitor/espectador que os elementos verbal e imagético estão articulados em termos de relevância; em consequência, o leitor pode estabelecer uma relação entre os processos nos quais o mesmo participante-referente está envolvido de modo a gerar distintos efeitos.

Um desses efeitos pode estar associado a estratégias argumentativas de desengajamento de dúvida sobre a factualidade do atributo: em outros termos, o imagético bebe de um acordo¹¹ sobre a existência de uma foto e a veracidade do acontecimento nela retratado e dá suporte para a aceitação sem ceticismos do fato construído verbalmente. Queremos com isso destacar a produtividade da análise da coesão verbo-imagética para outras investigações, como a da argumentação multimodal (TSERONIS, 2021; KJELDSEN, 2018; GROARKE, 2015; GONÇALVES-SEGUNDO, 2020, 2021; GONÇALVES-SEGUNDO; MACAGNO; AZEVEDO, 2021; GONÇALVES-SEGUNDO; ISOLA-LANZONI, 2019, 2021), sobretudo no que diz respeito à dimensão da operacionalização das análises imagética e verbo-imagética da argumentação, conforme discute Gonçalves-Segundo (2021)¹².

¹¹ Acordos podem ser entendidos como pontos de partida assumidos por argumentadores para ancorar os raciocínios construídos no sentido de buscar gerar adesão por parte de seus interlocutores (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2006).

¹² Gonçalves-Segundo (2021) propõe uma Agenda de Estudos em Argumentação Multimodal que contempla: i. Reconstrução ilativa dos movimentos argumentativos; ii. Restrições e potenciais de cada modalidade no âmbito da esquematização; iii. Avaliação dos argumentos; iv. Operacionalização da análise imagética e verbo-imagética (dimensão que destacamos); e v. Atos argumentativos.

Por centrarmos a análise da coesão na transitividade, propomos que a classificação da interação se dê em termos processuais. Propomos dois tipos: Interação Interprocessual e Interação Intraprocessual, diferenciados, em primeiro plano, pela quantidade de Processos em interação e, em segundo plano, pela qualidade do Processo construído. O exemplo que discutimos instanciaria uma Interação Interprocessual. Interações Interprocessuais são entendidas como interações em que ambas as modalidades constroem Processos que se sustentam *per se* — ou seja, que preenchem o esquema processual por completo. A interação desenvolve-se, desse modo, entre os componentes dos Processos de cada modalidade. Já Interações Intraprocessuais são compreendidas como interações em que se constrói apenas um Processo, seja de forma articulada pelas duas modalidades (procedimento que denominamos como encaixamento¹³), seja de forma autônoma pela modalidade dominante (procedimento que denominamos como sobreposição). Nesse último, a modalidade não dominante constrói um participante-referente que estabelece uma relação de reiteração ou de adição com o Processo da modalidade dominante.

Embora tenhamos proposto uma tipologia para a classificação da interação, queremos ressaltar que tal tipologia resulta da dinâmica dos laços coesivos em dada interação, foco do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA. Assim, compreendemos que o objetivo de uma análise coesiva não é a classificação da interação, mas sim a compreensão dos modos pelos quais os elementos verbal e imagético são articulados na superfície textual e os efeitos de sentido gerados.

Para explorarmos a diferença entre os tipos de interações passaremos ao próximo exemplo, que se vale, assim como o primeiro, de uma foto de uma personalidade pública como elemento imagético.

¹³ Neste ponto, vale retomarmos a conceituação sobre encaixamento na LSF. Cabral (2022, p. 2) explica que o encaixamento, enquanto um mecanismo semogênico, “pode ocorrer tanto no interior dos grupos como no interior das orações”. Cabral (2022) elenca três funções exercidas por orações encaixadas: i. pós-modificador de grupo nominal; ii. núcleo de um grupo nominal; ou iii. pós-modificador de grupo adverbial. Quando nos referimos a adição por encaixamento, circunscrevemos à segunda função elencada pela autora: entendemos o encaixamento como a construção — na modalidade não dominante — de um componente — tipicamente, um participante — do Processo construído pela modalidade dominante; em outros termos, referimo-nos ao encaixe de uma estrutura que passa a desempenhar uma função léxico-gramatical no Processo da modalidade dominante.

Exemplo 2:

“Já teve brasileiro tentando ensinar a história da Alemanha para os alemães, da mesma maneira que teve brasileiro tentando ensinar o significado das letras do Pink Floyd pro Roger Waters, principal compositor do Pink Floyd”¹⁴.



Fonte: Canal Vogalizando a História (O NAZISMO..., 2021, 1'08" – 1'20")¹⁵.

Quadro 2 — Análise da transitividade do Exemplo 2

Elemento verbal

[...]	teve	brasileiro tentando ensinar o significado das letras do Pink Floyd pro Roger Waters	
	processo	participante	
	Processo Existencial	Existente	
brasileiro	(tentando) ensinar	o significado das letras do Pink Floyd	pro Roger Waters
participante	processo	participante	participante
Ator	Processo Material	Meta	Recebedor

¹⁴ O trecho destacado em itálico consiste no trecho em que os elementos verbal e imagético coocorrem no vídeo.

¹⁵ Trecho exato disponível em: https://youtu.be/gt_ToKUoqIs?t=68.

Elemento imagético



Elementos verbal e imagético

	[é]	Roger Waters
participante	processo	participante
Símbolo	Processo Relacional Identificativo	Valor

Fonte: elaboração própria.

A partir do Quadro 2, identificamos que ambas as modalidades constroem Processos. O elemento imagético interage de forma mais direta com o participante Receptor do Processo Material verbal e com o aposto — “principal compositor do Pink Floyd” —, uma vez que a foto é inserida na tela do vídeo conjuntamente à enunciação do nome do compositor e permanece até o final do aposto.

Pelo fato de ambas as modalidades construírem Processos, pode-se afirmar que estamos diante de um Interação Interprocessual. No entanto, é possível identificar que o participante do Processo verbal imagético não estabelece exatamente uma relação de reiteração com o Receptor. A inserção de um aposto, que auxilia na identificação do referente por parte do leitor/espectador, sinaliza que o produtor vislumbra a possibilidade de seu espectador não saber quem é Roger Waters. Isso faz com que o elemento imagético ganhe relevância pelo processo de reconhecimento visual do referente. O resultado disso seria a construção de Processo Relacional Identificativo Intermodal, conforme o apresentamos no Quadro 2, que instancia o laço coesivo de **identificação**.

Essa interpretação é sustentada pela contraposição entre os enquadramentos dos elementos imagéticos dos exemplos 1 e 2. Kress e

van Leeuwen (2006) propõem três níveis de enquadramento — plano fechado, plano médio e plano aberto — e relacionam-nos inversamente à distância social estabelecida entre participante representado e leitor/espectador da imagem¹⁶. Para nossa discussão, associaremos o enquadramento ao grau de relevância dos processos: enquanto em 1 notamos um plano médio, o foco pode ser atribuído ao Processo verbal imagético, em 2 notamos um plano fechado, enquadrando a cabeça e um dos ombros do participante, o que pode favorecer a focalização do participante em detrimento do processo. Nesse sentido, podemos questionarmo-nos sobre o efeito que seria gerado caso a foto retratasse outro tipo de Processo, como um material, por exemplo. Em outras palavras, o foco ainda seria a identificação do referente¹⁷, e não o processo imagético?

A interação pode ser classificada como Intraprocessual por ter sido instanciado um Processo que engloba componentes das duas modalidades, ou seja, ambas se articulam — delimitando componentes — no âmbito de um único Processo.

Esse exemplo nos revela, portanto, a relação que a coesão pode estabelecer com o andamento do fluxo informacional e o papel de distintas construções das duas modalidades na dinâmica da interação. Passemos agora para três exemplos que ilustram outras especificações dos laços coesivos.

O Exemplo 3 é retirado do mesmo trecho do Exemplo 2 e ilustra um caso de reiteração de participante por exemplificação.

Exemplo 3:

“Já teve brasileiro tentando ensinar a história da Alemanha para os alemães, da mesma maneira que teve brasileiro tentando ensinar o significado das letras do Pink Floyd pro Roger Waters, principal compositor do Pink Floyd¹⁸”.

¹⁶ Para uma discussão pormenorizada de enquadramento e distância social, indicamos Silva e Almeida (2018).

¹⁷ Com isso, não queremos dizer que a mudança do Processo imagético não representaria uma mudança na reconstrução do sentido — qualquer modificação paradigmática em qualquer elemento redireciona as interpretações possíveis.

¹⁸ O trecho destacado em itálico consiste no trecho em que os elementos verbal e imagético coocorrem no vídeo.



Fonte: Canal Vogalizando a História (O NAZISMO..., 2021, 1'08" – 1'20")¹⁹.

Quadro 3 — Análise da transitividade do Exemplo 3

Elemento verbal			
[...]	teve	brasileiro tentando ensinar a história da Alemanha para os alemães	
	processo	participante	
	Processo Existencial	Existente	
brasileiro	tentando ensinar	a história da Alemanha	para os alemães
participante	processo	participante	participante
Ator	Processo Material	Meta	Recebedor

Elemento imagético



Fonte: elaboração própria.

¹⁹ Trecho exato disponível em: https://youtu.be/gt_ToKUoqIs?t=68.

O elemento verbal é constituído de um Processo Existencial, cujo Existente consiste em um grupo nominal com uma oração encaixada no modificador do núcleo. Tal oração constrói um Processo Material. É com esse Processo que o elemento imagético estabelece uma interação.

Caso partamos de uma concordância com Kress e van Leeuwen (2006), que concebem que toda construção visual comporta um Processo, podemos identificar que ambas as modalidades constroem Processos. Dado que no imagético se identifica apenas um participante, podemos depreender um Processo Existencial. Nesse sentido, o processo imagético consiste em uma **adição por complementação** em relação ao Processo Material verbal.

Já em relação ao participante, podemos identificar que se estabelece uma relação com o participante Recebedor. O elemento imagético consiste em uma foto de <Angela Merkel>, ex-primeira-ministra alemã, e o verbal constrói o referente {os alemães}, que pode ser entendido como o povo alemão. Ambos os referentes denotam estar associados, mas apresentam graus distintos de generalidade: enquanto um é específico, o outro é geral. A esses casos, analisamos como uma **reiteração de participante por exemplificação**. A Exemplificação refere-se a casos de reapresentação hiponímica e de relação tipo-instância. No exemplo, <Angela Merkel> consiste em uma instância possível do tipo {os alemães}.

Concebemos que a reiteração de participante por exemplificação é um laço coesivo bastante produtivo em contextos em que o produtor do texto visa a não enunciar linguisticamente certos termos ou certas expressões, seja por uma estratégia de buscar desresponsabilização, por parte do locutor, de associações que o espectador possa fazer por inferência da interação verbo-imagética, seja para contornar o controle de distribuição de vídeos, por parte da plataforma, que pode impor restrições quando se utilizam determinadas expressões.

As plataformas valem-se de recursos computadorizados de depreensão de fala em diversas línguas, incluindo o Português, para catalogação de conteúdos, rastreamento de informações, dentro outras motivações. O YouTube, por meio da Escola de Criadores do YouTube (YOUTUBE, 2020), informa criadores de conteúdo que determinados termos e expressões podem gerar um impacto na distribuição e na promoção dos vídeos. Desse modo, uma tática para contornar o controle da distribuição do vídeo pode consistir na não enunciação verbal de termos e expressões. Nisso, podemos identificar mais uma produtividade

da análise da coesão verbo-imagética; nesse caso, associado à uma tática de subversão das formas de controle das plataformas.

No vídeo em discussão, são instanciadas quatro fotos da ex-primeira-ministra alemã, contudo, em nenhum momento do vídeo, o produtor enuncia verbalmente o nome de Angela Merkel, o que pode sinalizar uma ação deliberada pelo produtor e/ou pelo canal do vídeo.

Em termos da interação, estamos diante de uma Interação Interprocessual, assim como o Exemplo 4 a seguir. Os exemplos 3 e 4 assemelham-se pelo fato de ambos envolverem uma foto de Angela Merkel. Contudo, são instanciados distintos laços coesivos. Enquanto, no Exemplo 3, identificamos uma reiteração de participante por exemplificação, no exemplo 4, podemos identificar uma adição de participante por complementação baseada em uma relação metonímica.

Exemplo 4:

“Essa discussão não é comum na Alemanha”.



Fonte: Canal Vogalizando a História (O NAZISMO..., 2021, 0'49" – 0'50")²⁰.

²⁰ Trecho exato disponível em: https://youtu.be/gt_ToKUoqIs?t=48.

Quadro 4 — Análise da transitividade do Exemplo 4

Elemento verbal

Essa discussão	não	é	comum	na Alemanha
participante	<i>adjunto polar</i>	Processo	participante	circunstância
Portador	-----	Processo Relacional Atributivo	Atributo	Espacial

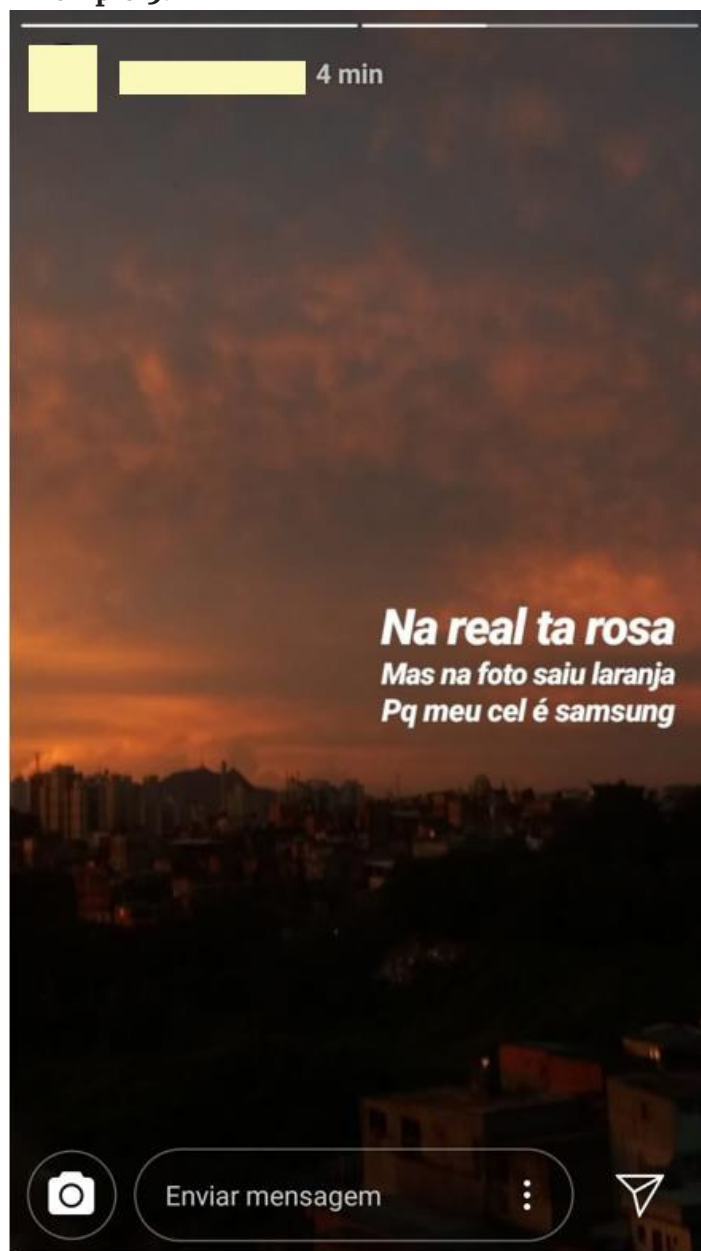
Elemento imagético

Fonte: elaboração própria.

Assim como no Exemplo 3, o elemento imagético aqui instancia um Processo Existencial, que é adicionado por complementação. O participante Existente <Angela Merkel> também estabelece uma relação de adição por complementação, mas não em relação a outro participante, e sim com a circunstância do Processo Relacional Atributivo verbal. Em termos qualitativos, a complementação entre Existente imagético e Circunstância Espacial verbal dá-se por meio de uma metonímia: <Angela Merkel> por {Alemanha}.

Esse exemplo sinaliza dois aspectos necessários de serem destacados. Em primeiro lugar, a composição imagética não determina o laço coesivo a ser instanciado. É apenas no contato entre elemento verbal e imagético que o tipo coesivo é estabelecido e efeitos de sentido são gerados. Em segundo lugar, a identificação do laço coesivo é uma parte da análise do texto, ou seja, a análise não se encerra na coesão. No exemplo, o investigador pode explorar os impactos da metonímia ao longo do texto, inclusive estabelecendo uma correlação possível entre o laço coesivo e o fenômeno metonímico. O reconhecimento da análise coesiva como uma etapa descritiva inicial é importante para que não se entenda que esse tipo de análise seria exaustivo para a reconstrução do significado.

Para os próximos exemplos, valer-nos-emos de composições multimodais extraídas da plataforma do Instagram. O Exemplo 5 consiste em um *story*, uma modalidade de postagem no Instagram em que o texto ocupa toda a tela do *smartphone*. Tipicamente, o elemento imagético preenche todo o espaço de visualização do *post* — como no exemplo —, mas há a possibilidade de o produtor construir um *story* apenas com elemento verbal. Passemos ao exemplo.

Exemplo 5:

Fonte: Story distribuído no Instagram²¹.

²¹ Por consistir em um *story*, que fica disponível por, no máximo, 24 horas, não é possível recuperar um *link*.

Quadro 5 — Análise da transitividade do Exemplo 5

	na real	ta	rosa
participante	circunstância ²²	processo	participante
Portador	-----	Processo Relacional Atributivo	Atributo

Fonte: elaboração própria.

Conforme discutimos na seção anterior, diferentes plataformas podem assumir determinada modalidade como a central. No caso do Instagram, parece haver uma prevalência da modalidade imagética, como é possível observar por meio das regiões que o verbal escrito tende a ocupar a partir da arquitetura da plataforma: i. legenda dos *posts* no *feed*, região com pouca saliência e em dependência do *post*, que é tipicamente imagético; ii. região sobreposta ao imagético em *stories*, que são construídos a partir da definição de um conteúdo de fundo, necessariamente uma imagem; e iii. legenda de *reels*, que, tipicamente, auxilia na contextualização do vídeo. Dessa forma, considerando o primeiro critério de determinação de dominância entre as modalidades, o imagético seria a modalidade dominante. No entanto, o Processo é construído pelo elemento verbal — “ta”, verbo *estar* —, o que leva o verbal a ser a modalidade dominante para fins de análise coesiva.

No Exemplo 5, identificamos que o elemento imagético ocupa toda a tela e consiste em uma foto do <céu>. O verbal constrói um Processo Relacional Atributivo com o participante Atributo apenas. O participante Portador é construído pelo imagético. Estamos diante, portanto, de um Processo Relacional Atributivo Intermodal, construído pela coparticipação de ambas as modalidades. O laço coesivo instanciado é o de **adição de participante por preenchimento**.

²² Consideramos a expressão ‘na real’ como circunstância por não compor o esquema do Processo Relacional Atributivo. A construção atua mais diretamente na Metafunção Interpessoal, uma vez que consiste em um marcador de engajamento (MARTIN; WHITE, 2005; GONÇALVES SEGUNDO, 2011; NININ; BARBARA, 2013), demarcando que o produtor opõe a representação verificada a outra, com a qual ele se alinha.

A opção Preenchimento indica casos de encaixamento de um componente (participante) em um Processo construído pela outra modalidade. Concebemos encaixamento por assumirmos a nuclearidade analítica do Processo, que especifica os participantes necessários e facultativos a depender do tipo processual. Em outros termos, por ser instanciado um Processo Relacional Atributivo, que prevê os participantes Portador e Atributo, o elemento imagético é encaixado na função Portador na interação.

Esse exemplo permite-nos explorar um efeito semântico-discursivo produtivo em interações verbo-imagéticas em redes sociais. Embora o verbal seja a modalidade dominante, o foco de atenção é o imagético devido à sua disposição na página. Isso poderia levar a uma concepção do verbal como um elemento acessório ao imagético. Contudo, o verbal exerce um papel de Ajuste de Focalização no sentido de indicar ao leitor qual aspecto do imagético deve receber o maior foco; no caso, a coloração do céu passa a ser focalizada a partir da leitura do verbal. Portanto, o funcionamento do Ajuste de Focalização dá-se “pela reconceptualização de um elemento de uma modalidade a partir do foco que a outra atribui a uma parte da primeira” (ISOLA-LANZONI, 2020, p. 98), seja esta a dominante ou não.

Em termos classificatórios, o Exemplo 5 instancia uma interação Intraprocessual por encaixamento. Assemelha-se ao Exemplo 2 pelo fato de ser construído um Processo Intermodal, mas se diferencia pela qualidade do processo: no Exemplo 2, instaura-se um Processo Identificativo para além dos Processos de cada modalidade; já no exemplo em discussão, o Processo Intermodal é o único Processo construído. Por isso, defendemos que a análise coesiva prévia a uma classificação da interação — aspecto que era central nas propostas que discutimos na primeira seção — é de fundamental importância para se compreender o funcionamento da interação e, assim, conseguir depreender como os efeitos de sentido foram gerados.

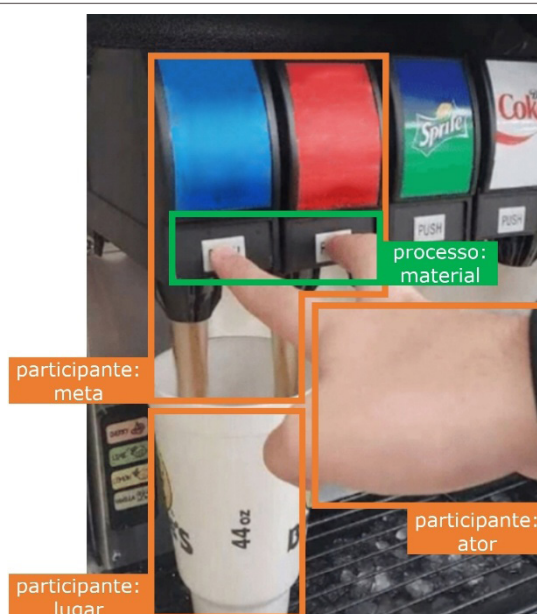
A coconstrução de Processos por ambas as modalidades também marca nosso último exemplo, retirado do Instagram. Neste caso, a modalidade dominante é a imagética, uma vez que as relações entre entidades são estabelecidas nessa modalidade; o verbal restringe-se a rótulos inseridos sobre participantes imagéticos. Passemos ao exemplo.

Exemplo 6:



Fonte: extraído do perfil @phddepre do Instagram²³.

Quadro 6 — Análise da transitividade do Exemplo 6

Elemento imagético²⁴

²³ Post original pode ser acessado em: <https://www.instagram.com/p/B0I65sGHbJ7/?igshid=MDJmNzVkMjY=>.

²⁴ Analisamos <copo> como um participante pelo fato de o processo construído consistir em um evento de movimento causado. Nesses casos, o lugar — tipicamente construído como uma circunstância — integra o esquema processual como um participante, conforme preveem Halliday e Matthiessen (2014, p. 229-233).

Elementos verbal e imagético

	[é]	pós-graduação
	[é]	raiva
	[é]	estresse
	[é]	eu
participante	processo	participante
Símbolo	Processo Relacional Identificativo	Valor

Fonte: elaboração própria.

O texto é construído por um elemento imagético que ocupa todo o fundo. O elemento verbal consiste em rótulos inseridos sobre entidades imagéticas. A modalidade dominante na interação é a imagética por ser a única a construir um Processo integralmente. Em termos coesivos, os elementos verbais estabelecem um laço de **identificação** com os participantes imagéticos, o que é demarcado pelos Processos Relacionais Identificativos Intermodais apresentados no Quadro 6.

Esse fenômeno assemelha-se ao Exemplo 2, o que justifica ambos serem analisados como identificação. No entanto, há uma diferença que extrapola o nível da coesão e que exige um maior detalhamento.

Enquanto, no Exemplo 2, o Processo Relacional Identificativo Intermodal identifica o Símbolo imagético ao Valor verbal, instruindo o leitor/espectador que, no mundo real, aquela entidade representada imageticamente corresponde à entidade reconhecida como Roger Waters, o mesmo não ocorre no Exemplo 6. No exemplo em questão, as entidades são identificadas no sentido de convidar o leitor a compreender

a relação entre {pós-graduação}, {raiva}, {estresse} e {eu} a partir da relação — Processo — construída(o) imageticamente. Esse fenômeno consiste no estabelecimento de uma Metáfora Multimodal (FORCEVILLE, 2008; GONÇALVES-SEGUNDO, 2020; GONÇALVES-SEGUNDO; ISOLA-LANZONI; WEISS, 2019; PÉREZ SOBRINO, 2017).

Para a análise da metáfora, partimos do arcabouço teórico da Linguística Cognitiva, que teve como marco inicial a publicação de Lakoff e Johnson (1980). Em uma abordagem discursiva da metáfora (VEREZA, 2007; STEEN, 2017; GONÇALVES-SEGUNDO; ZELIC, 2016), concebe-se a metáfora como processo de compreensão de um determinado domínio de conhecimento (alvo) a partir de outro domínio (fonte) que serve de base para o estabelecimento de mapeamentos. Vereza (2007, p. 490-491) explica que “a visão discursiva da metáfora pressupõe a metáfora conceptual²⁵ como importante ferramenta na construção de significados em determinados campos do discurso”.

Essa abordagem demonstra produtividade para a análise do Exemplo 6, uma vez que a representação construída entre as entidades verbais pode advir de um discurso circulante que associa as emoções {raiva} e {estresse} a algo que a {pós-graduação} gera — ou coloca — no {eu}, entendido como um/a pós-graduando/a. Vale destacarmos que essa explicação pode advir da associação suscitada pela sobreposição das entidades verbais aos participantes imagéticos. O Processo Material imagético é, então, projetado para o verbal, de modo que poderíamos reconstruir um Processo Material verbal como: *A pós-graduação coloca raiva e estresse no/a pós-graduando/a*²⁶.

Ainda é necessário aprofundar os limites das análises coesiva e metafórica em textos verbo-imagéticos, e este consiste em um interesse nosso em pesquisas futuras. No momento, podemos destacar a produtividade do sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA na articulação com outras abordagens de estudos de multimodalidade, o que sinaliza para a reprodutibilidade da análise que buscamos empreender com a proposição desse sistema, bem como de sua metodologia.

²⁵ Para uma aproximação inicial com a teorização, indicamos a leitura de Gonçalves-Segundo, Isola-Lanzoni e Weiss (2019); para leituras de aprofundamento, indicamos Steen (2017), Kövecses (2010) e Gonçalves-Segundo (2020).

²⁶ Foge ao escopo deste artigo, mas consideramos válido ressaltar que essa reconstrução processual é licenciada pela Metáfora Conceptual de que PESSOAS SÃO RECIPIENTES/CONTÊINERES. Assim, podemos reconstruir a metáfora situada do exemplo como: *suscitar no pós-graduando a combinação de emoções indesejadas é preencher um copo com a combinação de dois sabores de refrigerante*.

Considerações finais

Considerando a constante emergência de novas formas de construção multimodal em redes sociais, decorrentes de novos mecanismos e ferramentas de composição, os textos multimodais passam a ser marcados por uma volatilidade constante. Nesse sentido, propostas para a análise da interação verbo-visual precisam ser constantemente verificadas quanto à sua produtividade — em termos de categorias — para essa nova realidade.

Nesse sentido, buscamos, neste artigo, apresentar o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA e atestar sua produtividade na análise de textos multimodais em redes sociais.

A construção do sistema decorreu da contraposição de quatro propostas de base sistêmico-funcional para a análise da interação verbo-visual. Identificamos aspectos que exigiam melhor detalhamento, como: i. definição de unidades mínimas de análise, uma vez as propostas oscilavam quanto à unidade de análise que selecionavam, o que levava a imprecisões teóricas; ii. redesenho dos sistemas, uma vez que, em decorrência da falta de definição de unidade mínima, as relações de alternatividade ou de simultaneidade entre as opções do(s) (sub)sistemas ficavam imprecisas, gerando uma multiplicidade de classificações.

Assim, propusemos o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICA, que se volta à análise das formas como os elementos verbais e imagéticos estão articulados na superfície textual. Assumimos como base o sistema de TRANSITIVIDADE, o que demarca a produtividade do sistema de coesão em interações em que a coconstrução de evento — de experiência em linguagem — seja o foco do texto.

Concebemos que o foco da análise da coesão verbo-imagética não é classificar a interação, mas sim compreender como os laços coesivos de reiteração, de adição e de identificação entre os componentes dos Processos — processo, participante e circunstâncias — auxiliam na compreensão da forma como os efeitos de sentido são gerados. Dessa forma, exploramos os usos estratégicos de laços coesivos no que se refere à argumentação multimodal, ao fluxo informacional, à dinâmica das plataformas e, por fim, discutimos a articulação da coesão com metáforas multimodais.

Embora não seja o foco da análise coesiva, concebemos que uma classificação da interação seja possível. Assim, propusemos uma tipologia que inclui Interação Interprocessual, Interação Intraprocessual

por encaixamento e Interação Intraprocessual por sobreposição. A proposição da tipologia de interações mantém a tradição dos estudos que discutimos na primeira seção, mas ancora tal tipologia nas mesmas unidades de análise que definimos para a análise da coesão, o que tende a gerar menos imprecisões.

Ao falarmos de produtividade do sistema, defendemos que, embora não tenha sido o foco deste artigo, o sistema de COESÃO VERBO-IMAGÉTICO consiste em um aparato descritivo e analítico útil em outros contextos, como na produção de textos publicitários e de divulgação científica, assim como no ensino de multimodalidade em escolas.

Referências

BATEMAN, J. A. **Text and image**: a critical introduction to the visual/verbal divide. London: Routledge, 2014.

CABRAL, S. R. S. O que é mesmo encaixamento em linguística sistêmico-funcional? **EntreLetras**, Araguaína, v. 13, n. 1, p. 1-21, 2022. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft2179-3948.2022v13n1p1-21>. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/14526>. Acesso em: 3 nov. 2022.

CAVALCANTE, M. M.; MUNIZ-LIMA, I. A construção referencial em compósitos de gêneros na mídia Facebook. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 3, p. 430-450, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22168/2237-6321-32328>. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2328>. Acesso em: 9 maio 2022.

FORCEVILLE, C. Metaphor in pictures and multimodal representations. In: GIBBS, R. W. (org.). **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 462-482. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511816802.028>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/abs/cambridge-handbook-of-metaphor-and-thought/metaphor-in-pictures-and-multimodal-representations/CF2A29E498D0BDF1F73B63B82A2D1746>. Acesso em: 13 mar. 2019.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2014.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. **Tradição, dinamicidade e estabilidade nas práticas discursivas**: um estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana. 2011. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2011.tde-25042012-161141>. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-25042012-161141/pt-br.php>. Acesso em: 25 mar. 2018.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Argumentação multimodal: múltiplos olhares para um objeto complexo. In: GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; PIRIS, E. L. **Estudos de Linguagem, Argumentação e Discurso**. Campinas: Editora Pontes, 2021. p. 73-109.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Metáforas multimodais e argumentação prática: discutindo efeitos retóricos e modos de articulação entre modalidades. **Revista De Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 801-844, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.28.2.801-844>. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/16451>. Acesso em: 5 jun. 2020.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; ISOLA-LANZONI, G. A Terra é plana?: uma análise da articulação entre argumentação epistêmica, multimodalidade e popularização científica no YouTube. **Redis: Revista de Estudos do discurso**, Porto, v. 8, p. 84-121, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21747/21833958/red8a4>. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/6563>. Acesso em: 22 jan. 2020.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; ISOLA-LANZONI, G. Multimodal practical argumentation and behavioral change: an analysis of the “Remember, the Metro is for everyone” campaign. **Revista da ABRALIN**, [s.l.], v. 20, n. 3, p. 779-807, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i3.1995>. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1995>. Acesso em: 7 dez. 2021.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; ISOLA-LANZONI, G.; WEISS, W. “Entendeu ou quer que Desenhe?": Metáforas Multimodais Aplicadas ao Ensino de Língua Portuguesa. In: AZEVEDO, I. C. M.; COSTA, R. F. (org.). **Multimodalidade e Práticas de Multiletramentos no Ensino de Línguas**. São Paulo: Editora Blucher, 2019. p. 31-56. DOI: <https://doi.org/10.5151/9788580394085-02>. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/02-21847>. Acesso em: 10 jan. 2020.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; MACAGNO, F.; AZEVEDO, I. C. M. Argumentação multimodal: desafios e tendências recentes. Uma introdução ao número especial. **Revista da ABRALIN**, [s.l.], v. 20, n. 3, p. 722-736, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i3.2020>. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2020>. Acesso em: 7 dez. 2021.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; ZELIC, H. C. Relacionar-se é investir: ideologia, cognição e metáfora no discurso sobre relacionamento em revistas femininas para o público adolescente. In: NASCIMENTO, L.; MEDEIROS, B. W. L. (org.). **Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso**: heranças, métodos, objetos. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2016. p. 64-91.

GROARKE, L. Going Multimodal: What is a Mode of Arguing and Why Does it Matter? **Argumentation**, [s.l.], v. 29, n. 2, p. 133-155, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10503-014-9336-0>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10503-014-9336-0>. Acesso em: 14 jul. 2022.

HALLIDAY, M. A. K. **Introduction to Functional Grammar**. 1st ed. London; New York: Routledge, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4th ed. Milton Park; Abingdon; Oxon: Routledge, 2014.

ISOLA-LANZONI, G. **Coesão verbo-imagética**: um estudo sistêmico-funcional sobre multimodalidade em mídias digitais. 2020. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. DOI: <http://doi.org>

org/10.11606/D.8.2020.tde-07042020-172206. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-07042020-172206/pt-br.php>. Acesso em: 5 jun. 2020.

KJELDSEN, J. E. Visual rhetorical argumentation. **Semiotica**, [s.l.], v. 2018, n. 220, p. 69-94, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1515/sem-2015-0136>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/sem-2015-0136/html>. Acesso em: 20 dez. 2018.

KONG, K. C. C. A taxonomy of the discourse relations between words and visuals. **Information Design Journal**, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 207-230, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1075/idj.14.3.04kon>. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/idj.14.3.04kon>. Acesso em: 16 abr. 2018.

KÖVECSES, Z. **Metaphor**: a practical introduction. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 2010.

KRESS, G. R.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. 2nd ed. London: Routledge, 2006.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAVID, J.; ARÚS, J.; ZAMORANO-MANSILLA, J. R. **Systemic Functional Grammar of Spanish**. London: Bloomsbury Publishing, 2012.

MARTIN, J. R; WHITE, P. R. R. **The language of evaluation**: appraisal in English. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

MARTINEC, R.; SALWAY, A. A system for image-text relations in new (and old) media. **Visual Communication**, [s.l.], v. 4, n. 3, p. 337-371, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1177/1470357205055928>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1470357205055928>. Acesso em: 16 abr. 2018.

NININ, M. O. G.; BARBARA, L. Engajamento na perspectiva linguística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 52, n. 1, p. 127-146, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132013000100008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/jKYpjsqXVZqzkZmdPcrqbKR/?lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2018.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PÉREZ SOBRINO, P. **Multimodal Metaphor and Metonymy in Advertising**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017. v. 2, DOI: <https://doi.org/10.1075/ftl.2>. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/books/9789027264671>. Acesso em: 28 fev. 2019.

ROYCE, T. D. Intersemiotic Complementarity: A Framework for Multimodal Discourse Analysis. In: ROYCE, T. D.; BOWCHER, W. (org.). **New directions in the analysis of multimodal discourse**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2007. p. 63-109.

ROYCE, T. D. Intersemiotic Complementarity in Print Advertisements. In:

KLUG, N-M; STÖCKL, H. (org.). **Handbuch Sprache im multimodalen Kontext**. [S.l.]: De Gruyter, 2016. p. 348-371. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110296099-016>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110296099-016/html>. Acesso em: 4 out. 2018.

SILVA, M. M. P.; ALMEIDA, D. B. L. Linguagem Verbal, Linguagem Verbo-Visual: Reflexões teóricas sobre a perspectiva Sócio-Semiótica da Linguística Sistêmico Funcional. **Revista Odisseia**, Natal, v. 3, n. 1, p. 36, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21680/1983-2435.2018v3n1ID12686>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/12686>. Acesso em: 3 nov. 2022.

STEEN, G. Deliberate Metaphor Theory: Basic assumptions, main tenets, urgent issues. **Intercultural Pragmatics**, [s.l.], v. 14, n. 1, p. 1-24, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1515/ip-2017-0001>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/ip-2017-0001/html>. Acesso em: 9 set. 2018.

TSERONIS, A. From visual rhetoric to multimodal argumentation: exploring the rhetorical and argumentative relevance of multimodal figures on the covers of The Economist. **Visual Communication**, [s.l.], v. 20, n. 3, p. 374-396, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/14703572211005498>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/14703572211005498>. Acesso em: 4 dez. 2021.

UNSWORTH, L. Image/Text Relations and Intersemiosis: Towards Multimodal Text Description for Multiliteracies Education. In: INTERNATIONAL SYSTEMIC FUNCTIONAL CONGRESS, 33., 2006, São Paulo. **Proceedings** [...]. São Paulo: PUCSP, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/250029489/download>. Acesso em: 16 abr. 2018.

VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007.

O NAZISMO é de direita ou de esquerda? || Vogalizando a História. [S.l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Vogalizando a História. Disponível em: https://youtu.be/gt_ToKUoqIs. Acesso em: 19 ago. 2022.

YOUTUBE. **Escola de Criadores do YouTube**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/creators/>. Acesso em: 10 jan. 2021.